

Coreto

Jornal de Literatura – Araxá - MG – 25 de janeiro de 2016 – Ano I – Nº. 002

...“mais que nunca é preciso cantar...”

Nada melhor e mais ilustrativo para a 1ª página desta edição que a “Marcha da quarta-feira de cinzas”, de Vinícius de Moraes, principalmente pela mensagem de otimismo... “é preciso cantar e alegrar cidade”.

Acabou nosso carnaval
Ninguém ouve cantar canções
Ninguém passa mais brincando feliz
E nos corações
Saudades e cinzas foi o que restou

Pelas ruas o que se vê
É uma gente que nem se vê
Que nem se sorri
Se beija e se abraça
E sai caminhando
Dançando e cantando
[cantigas de amor

E no entanto é preciso cantar
Mais que nunca é preciso cantar
É preciso cantar e alegrar a cidade

A tristeza que a gente tem
Qualquer dia vai se acabar
Todos vão sorrir

Voltou a esperança
É o povo que dança
Contente da vida, feliz a cantar
Porque são tantas coisas azuis
E há tão grandes promessas de luz
Tanto amor para amar
[de que a gente nem sabe

Quem me dera viver pra ver
E brincar outros carnavais
Com a beleza dos velhos carnavais
Que marchas tão lindas
E o povo cantando seu canto de paz
Seu canto de paz

[https://www.youtube.com/
watch?v=Y88EguvjlVM](https://www.youtube.com/watch?v=Y88EguvjlVM)

Imperfeccionismo

Casos de amor
E desamor
Vivemos.
Cenas de vida
Vividas
Tensamente
Intensamente
Tivemos.
À toda prova
Comprovamos,
A toda ferida
Fechamos,
Juntos no caminho
Ficamos
Imperfeitos.
Qual casal perfeito
À tantos defeitos
Suportaria?

Márcio

Nesta edição:

Pág. 3: Agressões à
Língua e à Literatura.

Págs. 4 e 5:
José Afonso, o
Trovador da Liberdade.

Pág. 6: Um conto de
Alberto Xavier
e “As frases do Dirceu”.

Pág. 7: ABL tem novo
Presidente.

Pág. 8: “Porre” – uma
crônica poética, de
Márcio de Paula.

Alvorece, meu amigo!

Novo ano ensolarado. Amanhece!
Tudo é luz, alegria, esperteza.
Vamos ver lá na frente o que acontece:
Harmonia, alegria, gentileza.

Não ao ódio que a mente entorpece
Quebra a frente de quem tem só grandeza
Divide, arruína e muito empobrece
Enfeia, degrada e mata a beleza.

Será novo ano de glória, de preces.
Virá registrado. Tenha certeza.
Comemore! Era noite! Amanhece!

A vida renasce. Por que padeces?
Singrando os mares, o amor veleja
E aquele sonho jamais envelhece!

Hermes Honório da Costa
AAletras – Cadeira 15

Abri janela, havia palavras passando, recolhi.
As simples entraram como sentimento,
As difíceis sem ressentimento,
As devolvi.

Editorial

Coreto circula em sua segunda edição, depois de uma aceitação enorme, com todos os exemplares impressos em circulação, além da distribuição, pelas redes sociais, de sua versão digital em pdf. Isto animou o editor de tal forma que esta segunda edição circula com oito páginas e com o dobro de exemplares impressos.

Mas o mais importante é que a participação de escritores veio rápida e esta edição está bem mais diversificada.

Mantendo sua proposta inicial de valorização da criação literária, **Coreto** quer ser mensageiro de notícias boas, da criatividade do povo brasileiro, especialmente dos mineiros e particularmente de quem vive em Araxá.

A imprensa, no Brasil, vê a si mesma com a força que julga ter – construída com os acordos financeiros, quase sempre firmados em bastidores – e esqueceu o povo, ao lado de quem historicamente deveria estar. Não se preocupa com a divulgação dos fatos culturais, nem tampouco gasta espaço com a arte e, em especial, com a Literatura. Clama por falta de segurança, mas dá voz e vez aos criminosos, delinquentes, bandidos e condenados e cala o povo em geral, as vítimas, os inocentes...; reclama da falta de saúde, mas abafa quem trabalha com saúde preventiva, silencia diante das conquistas da medicina popular e associa-se aos planos de saúde, às redes de farmácias e laboratórios, e à indústria farmacêutica, que lhe sustenta de publicidades...; apedreja os governos, reclamando do fracasso da educação, mas, quando notícia alguma realização de sucesso nessa área, não tem sequer coragem de dizer o nome e endereço da escola que ousou fazer diferente e bem feito... A imprensa está perdendo seu lugar na sociedade e sendo substituída pela comunicação virtual, mesmo ainda não havendo uma frase melhor que a antiga e tradicional: “nada substitui o papel”.

Quem quiser partilhar essa ideia de fazer a criatividade virar notícia, especialmente a arte e a Literatura, venha para o **Coreto**. (coreto, histórica e culturalmente, é um lugar na praça, por onde tudo passa; lugar aberto, público, sem separação; lugar do riso, da alegria, das confissões, das inconfidências... da liberdade de expressão.)

Álbum Histórico de Araxá será lançado amanhã

Será lançado amanhã, 26 de janeiro, no Clube Araxá, o livro do escritor e artista plástico araxaense José Daguaberto Borges, com o título de ‘Álbum Histórico de Araxá’. Trata-se de uma obra cuidadosamente ilustrada, com cerca de 500 fotografias, relembrando diferentes pontos e personagens da história de Araxá.

Nesse livro, o autor reúne fotos, documentos e fatos que marcaram boa parte da história do município.

Em declarações à imprensa, Daguaberto

explica os motivos dessa decisão: “sempre me interessei por história, principalmente de minha terra natal, Araxá. Desde cedo comecei a colecionar fotos antigas e históricas de ruas, de avenidas, de praças, de casarões e de momentos importantes do cotidiano: eventos cívicos, religiosos, políticos, sociais, culturais e turísticos que marcaram uma época mágica vivida pelos nossos antepassados”.

Vale a pena conferir esse evento e conhecer o mais novo livro lançado na cidade.

Declaração de amor

As índias são belas, meu amor,
mas não precipites, apague o ciúme,
são apenas colírio pros olhos, pro mar.

Acalme este peito, o coração, o palpitar,
pois tudo é beleza entre as serras e a Coroa,
entre as matas e o mar.

Por que te afliges, por que temes, olha cá.
Mergulha estas ondas, espumas, o ar.
Descansa na areia, sinta o sol, veja o mar.

As índias são belas, são elas, estão cá.
São filhas das matas, das águas, de lá,
morenas de sol, de areia a praiar.

E se vires no espelho, dos olhos, acharás
todas as índias e quilombolas que há...
Podes crer, meu amor! Vem cá!

Carlos Henrique de Freitas Cardoso

Expediente

Coreto é uma publicação, sem fins lucrativos, destinada à difusão da Literatura. As notícias aqui publicadas devem ser redigidas em linguagem literária, fazendo uso da liberdade própria dessa forma de expressão. Os textos, com suas informações, são de responsabilidade de seus autores.

Editores: Hermes Honório da Costa e Márcio de Paula; **Colaboradores:** diversos.
(coreto.jornal.de.literatura@gmail.com;hermeshc@gmail.com)

Rua Carlos Rallo, 145 – Recanto das Mangueiras - 38182-142 – Araxá – MG

Agressões atingem a Língua Portuguesa e a Literatura Brasileira

O ano de 2015 chegou a seu final com uma divisão radical da sociedade brasileira. Enquanto o povo experimentava condições jamais vistas de melhorias das condições de vida nos últimos anos, os líderes das organizações políticas e econômicas insistiam na pregação de “uma crise sem precedentes” e no esforço de criar, a qualquer custo, essa crise, que é só uma forma de demonstração de força.

Chegou-se ao ponto de pedirem o impeachment da Presidente da República, sem nenhum fundamento legal que o justificasse.

Tudo isso gerou um ódio silencioso ou explícito entre dois polos partidários (ou dois partidos políticos), entre ricos e pobres, entre direita e esquerda, entre satisfeitos com as conquistas brasileiras e os descontentes... Resultado: desentendimentos, agressões, violência, sofrimento, desesperança.

Neste cenário de ódio, dois fatos chamaram a atenção. Duas agressões e um acontecimento ainda sem explicações atingiram, de cheio, a Língua Portuguesa e a Literatura Brasileira e que merecem aqui ser registrados.

Museu da Língua Portuguesa vira fumaça

Um incêndio atingiu a Estação da Luz, edificação de quase 150 anos, e destruiu, por completo, o Museu da Língua Portuguesa, há nove anos no local e um dos mais visitados da cidade de São Paulo. O segundo e terceiro andares, que abrigavam o Museu, ficaram destruídos, mas os bombeiros afirmaram que a estrutura do prédio ficou preservada, não comprometendo a estação, por onde passem, diariamente, cerca de 200 mil pessoas. Curiosamente, era segunda-feira, o Museu estava fechado para visitas e os funcionários tiveram tempo suficiente para saírem, avisados pelo alarme de incêndio. As causas reais do incêndio ainda não são conhecidas. O governador do Estado de São Paulo disse que vai reconstruir o local e o Museu. O Secretário Estadual de Cultura, Marcelo Araújo, garantiu que todo o acervo do Museu é digital e conta com cópia de segurança... Em tempo de ódio reinante, isso foi uma agressão à Língua Portuguesa.

Ele está entre nossos melhores escritores

A outra agressão foi à Literatura Brasileira e marcado por dois fatos lamentáveis, que precisam de registro para ficarem na memória

O primeiro

O jantar mensal do cantor e compositor Chico Buarque com um grupo de amigos terminou na segunda-feira (21 de dezembro) de forma inesperada. Por volta da meia-noite, Chico e os companheiros foram hostilizados por um grupo antipetista, em uma movimentada esquina do Leblon, na zona sul carioca.

“Você é um merda, quero ouvir da sua boca: quem apoia o PT o que é?”, perguntou um dos provocadores. “É petista”, respondeu o compositor. “É um merda”, interrompeu o rapaz. Vídeos da discussão foram publicados nas redes sociais e replicados durante todo o dia seguinte.

Chico Buarque, Edu Lobo, Cacá Diegues, Miguel Faria Jr., Ruy Solberg e Eric Nepomuceno. Estes eram os amigos que jantaram naquela noite e enquanto esperavam um táxi, um grupo que saía do restaurante Sushi Leblon começou a gritar “petista”, “ladrão”, “vai para Paris”, “vai para Cuba”.

Diante das provocações, Chico Buarque decidiu argumentar com os jovens. “Vai se informar, não basta sair falando”, disse o cantor. Chico manteve a voz baixa e riu em alguns momentos. Um dos jovens disse a

Chico que “o PT é bandido” e o compositor respondeu: “Eu acho que o PSDB é bandido”.

Esta cena de repressão nazista é um exemplo do que está acontecendo no Brasil: a absoluta intolerância. As discussões políticas estão indialogáveis. A disputa política se transformou em duelo. Eles não queriam argumentar, só xingar”, comentou Cacá Diegues na tarde seguinte.

O segundo

Cinco dias depois, um homem entrou na livraria de um *shopping* na Zona Sul do Rio de Janeiro na manhã de 26 e pichou e rasgou um exemplar do livro “O irmão alemão”, do cantor e escritor.

Em uma das páginas do livro de Chico Buarque, a pessoa escreveu: “Petista, hipócrita (sic), ladrão de dinheiro público”.

A Presidente Dilma Rousseff chegou a se manifestar publicamente na quarta-feira (23) em solidariedade a Chico Buarque. “O Brasil tem uma tradição de conviver de forma pacífica com as diferenças. Não podemos aceitar o ódio e a intolerância. É preciso respeitar as divergências de opinião. A disputa política é saudável, mas deve ser feita de forma respeitosa, não furiosa”, destacou a presidente Dilma.

“Reafirmo meu repúdio a qualquer tipo de intolerância, inclusive à patrulha ideológica. A Chico e seus amigos, o meu carinho”, completou a Presidente.

Flores e louros à lusitana gente

Em tempos conturbados de nossa História, escritoras, em sua produção literária, defenderam que a Literatura tem que ter compromisso político (não leia partidário) com a população. Há críticos que chegam a usar o termo não tão próprio “literatura engajada”, para explicar esse comportamento. O fato é que, se, “de certa forma, todo comportamento humano é um comportamento político”, não há porque negar esse papel à produção literária.

O ano de 2015 terminou marcado pelo ódio nos meios político-partidários, o que trouxe um descontentamento enorme e uma apreensão social desagradável. E o 2016 começa com essa insegurança, com esse vácuo.

Assim, nada melhor que trazer para nos alegrar e servir de inspiração um poeta, compositor notável e cantor português. José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos, ou simplesmente José Afonso, ou Zeca Afonso.

Em 1987, José Afonso deixou-nos, vítima de doença incurável. “Além de ser, juntamente com Adriano Correia de Oliveira, um dos mentores da canção de intervenção em Portugal e um baladeiro/compositor notável, soube conciliar a música popular portuguesa e os temas tradicionais com a palavra de protesto, Zeca trilhou, desde sempre, um percurso de coerência. Na recusa permanente do caminho mais fácil, da acomodação, no combate ao fascismo salazarista, na denúncia dos oportunistas, dos vampiros que destroçaram Abril, no canto da cidade sem muros nem ameias, do socialismo, da utopia”.

Injustiçado por estar contra a corrente, morreu pobre e abandonado pelas instituições. Mas não temos dúvidas, a voz de “Glândola” perdurará para lá de todos os chacais.

Nasceu em 1929 e construiu toda sua vida enfrentando desafios.

Viveu os três primeiros anos de sua vida com os tios, o pai tinha ido para Angola, como Procurador da República. Aos três anos, segue para o continente africano com que trava uma profunda ligação, pela relação física com a natureza, o que lhe marcará pela vida toda.

De Angola para Moçambique, volta a Portugal com oito anos para viver com seu tio e “convive com o mais profundo ambiente do Salazarismo”, de que seu tio era fervoroso admirador, sendo obrigado a envergar o traje da Mocidade Portuguesa. “Foi o ano mais desgraçado da minha vida”, confidenciou. Mas com a chegada a Coimbra em 1940, instalado em casa de uma tia devota, “as suas pulsões mais íntimas sobrepujaram-se às influências familiares”.

Em 1948, completa o Curso Geral dos Liceus. Conhece Maria Amália de Oliveira, uma costureira de origem humilde, com quem se casa em segredo, por oposição da família. Em 1949, inscreve-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Em Janeiro de 1953, nasce-lhe o primeiro filho, José Manuel. Para sustentar a sua família, Zeca Afonso dá aulas particulares e faz revisão de textos no *Diário de Coimbra*. Ainda antes de terminar o curso, é-lhe

permitido lecionar. Entre 1958 e 1959 é professor de Francês e de História.

A pesar das exigências da sua profissão, não esqueceu as suas ligações a Coimbra, onde gravou o seu primeiro disco, em 1958. Foi influenciado pelas correntes de mudança que se faziam sentir naquela localidade, e pelo convívio com figuras que marcaram especialmente a sua obra *Coimbra*.

Participa, frequentemente em festas populares e canta em coletividades, lançando, em 1960, o seu quarto disco, *Balada do Outono*. Em 1962, segue atentamente a crise académica de Lisboa...

Em 1963, termina a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, com uma tese sobre Jean-Paul Sartre, intitulada *Implicações substancialistas na filosofia sartriana*.

No mesmo ano, são editados os primeiros temas de carácter vincadamente político, *Os Vampiros* e *Menino do Bairro Negro* — o primeiro contra a opressão do capitalismo, o segundo, inspirado na miséria do Bairro do Barredo, no Porto — integravam o disco *Baladas de Coimbra*, que seria proibido pela Censura. *Os Vampiros*, juntamente com *Trona do Vento que Passa* (um poema de Manuel Alegre, musicado por António Portugal e cantado por Adriano Correia de Oliveira) tornaram-se símbolos de resistência anti-Salazarista da época.

Em Maio de 1964, José Afonso faz a canção *Glândola, Vila Morena*. A música foi transformada em senha para a revolução de 25 de abril de 1974, permanecendo como uma das músicas mais significativas do período revolucionário.

Ainda em 1964, José Afonso estabelece-se em Lourenço Marques, com Zélia, reencontrando os filhos do anterior casamento

Sua posição contra o colonialismo lhe causa problemas com a PIDE, a polícia política.

Residiu, entre 1964 e 1967, em Moçambique, acompanhado pelos dois filhos e pela sua companheira, Zélia, tendo ensinado na Beira, e em Lourenço Marques.

Nesta altura, começa a sua carreira política, em defesa dos ideais de independência, o que lhe valeu a atenção dos agentes do governo colonial.

Lembrando José Afonso, o Trovador da Liberdade

Quando regressa a Portugal, em 1967, é colocado como professor em Setúbal, mas fica pouco tempo, pois acaba por ser expulso do ensino oficial. Para sobreviver, começa a dar aulas particulares.

A partir desse ano, torna-se definitivamente um símbolo da resistência democrática. Mantém contatos com a Liga de Unidade e Ação Revolucionária e o Partido Comunista Português — ainda que se mantenha independente de partidos — e é preso pela PIDE. Continua a cantar e para que o seu nome não seja censurado, Zeca Afonso passa a ser tratado nos jornais pelo anagrama *Esoj Osojofa*.

Entre abril e maio de 1973 esteve detido no Forte-prisão de Caxias pela PIDE/DGS.

Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, acentua a sua defesa da liberdade, tendo realizado várias sessões de apoio a diversos movimentos, em Portugal e no estrangeiro. Retoma, igualmente, a sua função de professor.

Duas canções para os olhos, ouvidos e... o coração

Grândola, vila morena

Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena

Em cada esquina, um amigo
Em cada rosto, igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto, igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companhia
Grândola, a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companhia
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade

<https://www.youtube.com/watch?v=Ha-h5bPSxQE>

Epígrafe para a arte de furtar

Roubam-me Deus
Outros o diabo
Quem cantarei

Roubam-me a Pátria
e a humanidade
outros ma roubam
Quem cantarei

Sempre há quem roube
Quem eu deseje
E de mim mesmo
Todos me roubam

Quem cantarei
Quem cantarei

Roubam-me Deus

Outros o diabo
Quem cantarei

Roubam-me a Pátria
e a humanidade
outros ma roubam
Quem cantarei

Roubam-me a voz
quando me calo
ou o silêncio
mesmo se falo

Aqui d'El Rei.

<https://www.letras.mus.br/jose-afonso/67159/>

Prêmio Sesc de Literatura 2016

O PRÊMIO SESC DE LITERATURA é promovido pelo Sesc – Serviço Social do Comércio, e objetiva premiar obras inéditas nas categorias **CONTO** e **ROMANCE**, destinadas ao público adulto, escritas em língua portuguesa, por autores brasileiros ou estrangeiros, residentes no Brasil.

– As inscrições deverão ser feitas de 04 de janeiro a 12 de fevereiro de 2016. Não serão consideradas inscrições após esse período. A obra deverá ser anexada à inscrição online, cujo formulário está disponível no site: www.sesc.com.br/premiosesc.

A sua intervenção política não para e, em 1976, declara o seu apoio à campanha presidencial de Otelo Saraiva de Carvalho.

Em 1983, é atribuída a ele a Ordem da Liberdade, mas recusa a distinção.

O seu trabalho é reconhecido e apreciado e José Afonso, com a participação política que as suas canções influenciaram, indiscutivelmente representa uma parte muito importante da cultura poética portuguesa e da Literatura em Língua Portuguesa.

Na casa onde viveu, foi colocada uma placa com sua foto e o seguinte texto:

Nesta casa viveu
o Trovador da Liberdade
José Afonso (o Zeca)
Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade.

Contos

Já nesta segunda edição abrimos um espaço para a publicação de contos, por ser uma experiência fascinante para o escritor e para o leitor, pelo tamanho do texto, pela variedade temática e pelo exercício da narrativa que pode ser feito a cada ato de produção do texto.

O primeiro a ocupar esse espaço é Alberto Xavier. Mineiro, graduado em Letras pela FAFI de Araxá (hoje, Uniaraxá). Reside em Santa Cruz Cabrália – BA. Tem três livros publicados. A cada edição, um novo conto para o leitor.

A velha cidade de Brumados sempre pacata, transcorria os dias em perfeita harmonia. Os acontecimentos que, às vezes, provocavam sacudidelas eram brigas entre marido e mulher, bate-boca de comadres e jogo da seleção. Realmente, quando a seleção atlética de Brumados do Brejo Fundo jogava, o povo da cidade saía do sério. Além destes leves contratempos, a população nada via de novo ou diferente. Entretanto, de quatro em quatro anos, um fato fazia a cidade fervilhar. As eleições traziam festas e um movimento anormal.

Era um sábado nebuloso. A luz do sol não se apresentava no céu pálido. Não se tratava de um sábado comum, pois o candidato do PPV fazia caminhada, cumprimentava os eleitores de toda a cidade. Ele chegou cedo sob o rajar de fogos e foguetes. Nestas épocas era sempre assim. Depois, tudo voltava ao marasmo no melancólico passar dos dias em Brumados. Então, o candidato percorria as ruas do centro, acompanhado de uma multidão. Depois ele partiria para as ruas da periferia.

Enquanto isso, outro fato inusitado acontecia numa rua dos arrabaldes da cidade. Uma antiga moradora, a velha índia, abriu a janela de seu quarto, vendo um estranho pássaro negro pousado numa árvore do quintal. Ela sentiu-se mal, logo que seus olhos grandes depararam com a ave. Um calafrio percorreu cada vértebra da senhora. Presentiu que um fato estava por ser consumado. Fechou rapidamente a janela na vã expectativa de que uma mudança viesse acontecer.

Três horas depois, o candidato acompanhado de uma centena de pessoas chegou na rua da índia. Entre um abraço e um aperto, distribuindo acenos, ele viu de longe a velha que o aguardava na soleira de sua porta. Apressou-se a toada para antecipar o encontro. Ela também deu alguns passos em sua direção. Um longo abraço aconteceu entre eles. Ela fixou pesadamente seus olhos nos dele. Disse-lhe apenas que aconteceria em sete dias, não mais. Ele não questionou nada, parecia que ambos sabiam do que se tratava. A caminhada do candidato continuou, a vida da velha também. Sabiam eles que nunca se veriam.

A campanha continuou pelo interior do Estado. No sábado seguinte, por volta das quatro horas da tarde, o candidato acompanhado de dois assessores estavam indo para Ipiçu, quando o avião chocou-se numa formação montanhosa. Não houve sobreviventes.

Tem coisa que não envelhece. Exemplo: a criação literária

Publicadas no Jornal das Geraes, a partir de 28 de abril de 1984, as

“Frases do Dirceu”

fizeram um grande sucesso.
Reproduzimos as primeiras.
Vejam.

Consolo para quem viaja de avião: olhar para trás e não ver nenhuma carreta.

O custo de vida é combatido a qualquer preço.

Os desertores da paz não são punidos.

A abolição da escravatura: uma data que não passa em branco.

No Rio de Janeiro, até escoteiro é suspeito.

Foi eleito sem deixar vestígios.

Troca-se uma palavra de fé e otimismo por um prato de comida.

Dinheiro não traz distribuição.

A maior preocupação das sociedades anônimas: promover o seu nome.

A humanidade se arma cada vez mais para se defender da humanidade desarmada.

Para Sherlock Holmes, a maior atenuante para um crime é o mistério.

O problema da fome é empurrado justamente com a barriga.

Ao contrário do que todos pensam, a mãe de Hitler foi apenas a avó do nazismo.

Ao telefone: – *Entreguista, eu? Como, se nunca acompanhei qualquer remessa ao exterior?!!!*

Chama-se utopia aquilo que algumas pessoas torcem para que não aconteça nunca.

Domício Proença Filho é o novo Presidente da ABL

O Acadêmico, professor e escritor Domício Proença Filho, tomou posse na quinta-feira, dia 17 de dezembro, para presidir a Academia Brasileira de Letras por um ano, a partir de 1º de janeiro de 2016, em solenidade no Salão Nobre do Petit Trianon. Nas duas últimas gestões, foi o Acadêmico, poeta, ensaísta, tradutor e crítico literário Geraldo Holanda Cavalcanti, que dirigiu a ABL.

A posse do novo Presidente ficou marcada por duas posições programáticas declaradas por ele: defesa da importância da Literatura e da Língua para a sociedade, e combate ao racismo. Vejam suas afirmações:

“A língua e a literatura exigem de todos nós, mais do que nunca, o bom combate. Em especial a arte literária. É consenso, a propósito, entre os que a ela se dedicam, que, impressa ou digitalizada, luta, há algum tempo, para assegurar o seu lugar de centro como produto cultural e seu prestígio no espaço educacional e pedagógico. A tal ponto, que se faz oportuno e pertinente reafirmar a sua importância. Entre outros aspectos, lembrar que o convívio com o texto literário ajuda as pessoas a organizar o seu universo cultural. Possibilita-nos conhecer melhor a nós mesmos, o mundo que nos cerca, a nossa relação com o mundo e com o outro. E mais: que o escritor é testemunha do seu tempo e que a literatura interpreta o presente, restaura

emocionalmente o passado, possibilita projeção do futuro. Cumpra reiterar que o texto literário contribui para a estruturação do imaginário nacional e para a formação da nacionalidade, leva o leitor ou ouvinte a questionar a realidade social que o cerca, propicia abertura para a transformação enriquecedora e mesmo para a afirmação de identidades, contribui para a formação da cidadania.”

“No âmbito comunitário, a presidência reveste-se de representatividade, em função dos espaços ainda necessários, na realidade brasileira, da afirmação da identidade cultural da etnia de origem negra. Mesmo diante da privilegiada condição mesclada e miscigenada própria da comunidade nacional que integramos. Nessa direção, indicia a assunção pela Academia, da tomada de posição para além dos estereótipos e do preconceito étnico ou epidérmico, nesse espaço ainda vigente no comportamento de muitos, veladamente; explicitamente; agressivamente; envergonhadamente; vergonhosamente. Nesse sentido, a Casa de Machado de Assis, uma vez mais, situa claramente o seu posicionamento, em termos de nossa contingência comunitária. Não nos esqueçamos os tempos fundadores de Joaquim Nabuco e de Machado de Assis, a ação pioneira de Afonso Arinos. Entendo, a propósito, que, na realidade brasileira, respeitadas as opiniões em contrário, o núcleo de preocupação deve ser o combate contínuo e vigoroso ao racismo.”

Contraste

Ano velho se foi à francesa
Saiu pela porta dos fundos sem nada dizer
Sem qualquer gesto de delicadeza
Recolheu todo o inútil que trouxe
E partiu mal chegava a madrugada
Ao desfilar o cortejo alegre do Novo!

Luzes pintaram o espaço - novo tempo
Esquecidas as feridas, risos, música e poesia
Brindaram o viajante das esferas,
Com alvares refulgentes de alegria
Ressurgiram sonhos, renasceram esperanças
De Amor, de Paz n'alvorada florescente.

Longe, bem distante, em algum lugar
Nem tudo, por certo, teve cenário igual:
Num casebre pobre ou sob o teto das estrelas,
Sem mesa posta, sem o canto de um coral

Alguém adormece pra ninar a fome
Sem Luz, sem Amor, sem Esperança!

Oh, a tragédia humana ante o egoísmo hipócrita,
Em que a dignidade o desamor golpeia
E apaga a luz estrela da alma dos vencidos.
Cruel destino, mísero existir na tecida teia,
Daqueles que nasceram na dor dos esquecidos
E a incúria dos abutres lança ao abismo vil!

Maria de Lourdes Bittencourt de Vasconcellos
AALetras - Cadeira 3

“Eu já disse, mas vou repetir:
não se represa um rio, não se engana a natureza,
faça a represa o que quiser, pois o rio cedo ou tarde
vai arranjar um jeito de rasgar a terra,
abrir um caminho, e voltar a correr
em seu leito de origem.”
Fernando Pessoa

Porre

À noite, estando só, resolvera beber. Retirou da geladeira um livro a tempos guardado e com saca rolhas o abriu. Despejou no copo líquidas palavras e girando nos dedos as cheirou. Das moléculas que se desprendem do rompimento de sílabas formou-se o bouquet.

Bebeu algumas palavras. Novas expressões não caíram bem, talvez devessem curtir mais. Olhando pela janela sorriu para lua. Buscou algumas estrelas e fitando o céu mastigou-as com lentidão. Inebriado, viu um mundo se descortinar.

No escuro sentiu o aroma das cores, com as mãos agarrou o silêncio. Aos goles ingeriu

Neruda e riu de Camões. Fizera de Lusíadas, picadinho, mas não gostara da sobra.

Buscou no armário outras composições. Empilhou-as, sem sentido as frases ficaram tortas. Vibrou ao som frenético de trechos literários e se sentiu maestro. Abraçou livros, apertou palavras. Imaginou escrever um poema no ar, mas sonâmbulo adormecera.

Palavras ingeridas fizeram-lhe mal e pesaram a cabeça. Contorceu-se por dentro e frases escorreram pelo corpo.

A chuva desperta o silêncio. É madrugada. Bravo, discute com o trovão. Foge quando flechas estouram o espelho deixando mais escura a noite. Água continua jorrando

enquanto relâmpagos gritam riscando com espada de zorro a escuridão. Na sala, como animal, se contorce e sacoleja ao vento algumas vogais, forte cheio de poesia se espalha.

A cabeça continua derramando palavras mal digeridas que escorrem pelas mãos e mancham papeis. Novamente adormece e noutro dia atrasado, levanta cedo. Atordoado com ressaca de palavras que se misturam na mente vai ao serviço.

Como nunca entendera de gramática o faxineiro do poeta passa juntando frases obscuras e lendo conotativos textos.

Descobre nesse instante a liberdade de expressão.

Márcio

Luto

A Academia Araxense de Letras, através de seus membros, apresenta as mais sinceras condolências à confreira **Cátia Maria Lemos Melo Zema** – bem como a seus familiares – pelo falecimento de seu esposo, **Oswaldo Zema Júnior**.

Que a Luz de Deus ilumine seu coração e acolha na eternidade aquele que todos nós sempre admiramos e respeitamos como cidadão araxense, pai de família e empresário de sucesso.

Condolências semelhantes são também apresentadas à confreira **Carolina Angélica de Oliveira Passos** pelo falecimento de Fausto Júlio de Mesquita.

Que a Luz de Deus ilumine seu coração e acolha na eternidade aquele que todos nós respeitamos e admiramos como tribuno notável e criminalista consagrado, cidadão araxense, pai de família e poeta de grande sensibilidade.

Esta edição tem o patrocínio de

Cachaça

Pau de Bimba

- pura, orgânica, artesanal -

Araxá-MG / (34)3662-4681/98897-4681

hermeshc@gmail.com

História de amor

Era altas horas da noite
Saí à procura de uma ilusão
Fui deparar-me na porta daquele cinema
Vi quando ela vinha saindo tão devagar
Parecia buscar alguma coisa lá fora
Foi quando olhei em seus olhos
E ela fitou nos meus
Então perguntei
Se poderia segurar sua mão
Ela disse que sim
Perguntei pelo seu nome e ela o meu
Nós saímos naquela praça
Caminhando tão devagar
Conversamos bastante e nos entendemos
Daí por diante nasceu o amor
Já faz mais de trinta anos
Que isso aconteceu
Hoje ela ainda mora comigo
Eu sou seu amor e ela o meu.

Waldir José dos Reis – Didi da Oficina

“Embora
seja curta a vida que nos
é dada pela natureza,
é eterna a memória de uma vida
bem empregada.”
Cícero